

## ENTREVISTA: DRA. ANDREA O'REILLY E A PERSPECTIVA DA MATERNIDADE

Andrea O'Reilly é professora titular na Escola de Gênero, Sexualidade e Estudos das Mulheres, na Universidade de York, em Toronto, Canadá. É também fundadora e editora-chefe do JMI- *Journal of the Motherhood Initiative* and diretora-criadora da Demeter Press. Com mais de 20 livros publicados, seu trabalho envolve especialmente a luta pela equidade de gênero e pelos direitos das mulheres.

Dentre os livros organizados e co-organizados por O'Reilly, destacam-se: *Maternal Theory: Essential Readings* (2007), *The Encyclopedia on Motherhood* (2010), *The Routledge Companion to Motherhood* (2019), *Feminist Parenting: Perspectives from Africa and Beyond* (2020), *Mothers, Mothering, and COVID-19: Dispatches from a Pandemic* (2020). É autora dos livros monográficos: *Toni Morrison and Motherhood: A Politics of the Heart* (2004); *Rocking the Cradle: Thoughts on Motherhood, Feminism, and the Possibility of Empowered Mothering* (2006), *Matricentric Feminism: Theory, Activism, and Practice* (2016).

Andrea recebeu duas vezes a homenagem de professora do ano na Universidade de York por excelência no ensino. Em 2019, foi agraciada com o prêmio de distinção pela atuação em igualdade de gênero da Confederação dos Docentes das Universidades de Ontário em 2019 (*2019 Status of Women and Equity Award of Distinction, OCUFA*), como reconhecimento público de seu ativismo em prol da melhoria de vida e condições de trabalho para estudantes e pesquisadoras/ es indígenas, mulheres, racializadas/os, LGBTQIA+, pessoas com deficiências ou pertencentes a outros grupos historicamente marginalizados. Na ocasião, Andrea destacou-se não só como uma acadêmica líder em seu campo, mas também como ativista comprometida com a defesa dos direitos das mulheres nos níveis local, nacional e global.

Fundou e presidiu, de 1998 a 2019, a Rede MIRCI (Motherhood Initiative for Research and Community Involvement), estabelecendo uma comunidade global de pesquisadoras(res) e ativistas incluindo mais de 400 universidades. Também fundou e dirige o *Journal of Motherhood Initiative* e a *Demeter Press*, primeira editora feminista focada em maternagem, maternidade, reprodução, família e sexualidade. É mãe de duas filhas e um filho adultos. E-mail: [aoreilly@yorku.ca](mailto:aoreilly@yorku.ca)

*A entrevista com a autora foi gravada de forma remota no dia 10 de maio de 2021 pelas professoras Elizabeth Souto Maior e Maria Collier de Mendonça no Brasil, enquanto Andrea O'Reilly se encontrava em sua casa de campo à beira do lago, em Peter Lake, Canadá.*

---

### **Maria Elizabeth P. Souto Maior Mendes**

Professora Adjunta da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil. E-mail: [mepsmm@academico.ufpb.br](mailto:mepsmm@academico.ufpb.br)

### **Maria Collier de Mendonça**

Professora Adjunta da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil. E-mail: [maria.cmendonca@ufpe.br](mailto:maria.cmendonca@ufpe.br)

**E.S.M:** É uma grande honra entrevistar a Dra. Andrea O'Reilly para esta edição especial da Revista Ártemis. Eu gostaria de começar a entrevista partindo do início da sua carreira acadêmica. Todos nós sabemos como pode ser desafiador descobrir um tema de pesquisa que realmente mobilize a paixão de um(a) acadêmico(a). Como você encontrou a maternagem e a maternidade como seus temas de pesquisa?

**O'Reilly:** Um slogan do feminismo sempre foi “O pessoal é político” e esse certamente foi o meu caso, até chegar aos temas maternagem e maternidade. Fiquei grávida aos 22 e fui mãe aos 23, de uma gravidez certamente não planejada. Eu tive o bebê no último ano da minha graduação e tive mais dois filhos nos primeiros anos do meu doutoramento, também não planejados. A primeira gravidez foi um momento de ajuste de contas e de despertar para mim. Eu era estudante de estudos das mulheres na época - 1981 a 1984 - e estava fazendo todas as disciplinas imagináveis, desde história, saúde, literatura e cinema. No entanto, a maternidade simplesmente não era tema de discussão nos cursos: mulher e saúde, trabalho, sexualidade e violência doméstica eram os temas de discussão naquelas aulas. Como eu não era mãe na época, não percebi a ausência da maternidade como um tópico em minhas disciplinas de estudos das mulheres. As poucas vezes que se foi falado sobre a maternidade, foi em um contexto negativo, como na perspectiva feminista liberal que posiciona “a maternidade como uma armadilha patriarcal” relacionando-a à sentimentos como “a maternidade oprime você”, e “não seja mãe”. Quando me tornei mãe, tive um breve desentendimento com o feminismo, porque algumas de minhas colegas me olharam com desconfiança. Embora eu tenha participado de vários movimentos como estudante de graduação, como o movimento pacifista, o movimento antimísseis e outros, muitas e muitos dos meus colegas olharam para mim como se eu tivesse me vendido e passado para o outro lado. Afinal, por que uma boa feminista como eu se tornaria uma mãe?

**E.S.M:** Então, pode-se dizer que sua escolha do tema de pesquisa foi ligada a razões bastante pessoais. Como você se sentiu naquele momento?

**O'Reilly:** Sempre cito Toni Morrison quando ela diz “Eu escrevi os livros que precisava ler”. Bem, para mim, comeci a pesquisa de que precisava, uma que não existia quando me tornei mãe. Eu era a única mãe em meu programa de pós-graduação e me sentia tão diferente, tão sozinha e tão sem apoio. Portanto, foi uma experiência pessoal que me incentivou e motivou a assumir a maternagem como uma área de estudo.

**E.S.M:** Você poderia nos contar um pouco sobre o processo de escrita de *Toni Morrison e Motherhood: a Politics of the Heart*?

**O'Reilly:** Na verdade, o livro foi fruto da minha tese. Depois de concluir meu doutorado em 1996, desenvolvi minha tese em formato de livro. Descobrir Toni

Morrison foi, novamente, um daqueles momentos de mudança de vida. Nos primeiros anos do meu doutorado, eu estava lecionando *Song of Solomon* em uma disciplina como Assistente de Ensino, mas não tinha lido nenhum dos outros romances de Morrison. Em 1987/88, fiz uma disciplina de literatura Afro-Americana e estávamos lendo Morrison nesta aula. Minha professora me puxou de lado e disse: “*Beloved* acabou de sair e você precisa muito ler o romance, porque sei que você está interessada no assunto maternagem”. Fiquei acordada a noite inteira e o li, embora eu tivesse um bebê de um ano e outro de três anos, que logo acordariam. Lembrome de ter pensado “É isso!” Então fui à minha professora logo em seguida e disse “Vou escrever minha tese sobre Morrison”. Naquela época, minha tese era sobre a ascensão do romance na literatura britânica do século XVIII. Então, digamos apenas que foi uma pequena mudança de foco. Embora acreditasse que meu tema inicial fosse importante, eu sabia que tinha que escrever sobre Morrison, porque ela estava dizendo algo acerca da maternagem que ninguém mais falava sobre, na época: algo radical, político, revolucionário e transformador de paradigmas. E o que ela dizia ia além de sua própria escrita e das experiências maternais de mães negras. Morrison estava argumentando que a maternagem pode ser um local de empoderamento, ativismo social e um local de poder para as mulheres. Ela colocou a maternidade em um contexto teórico e político que eu nunca tinha visto uma romancista fazer antes. Então, é por isso que fui compelida a ler todos os seus romances e escrever minha tese sobre ela. E eu nomeei meu livro “*A Politics of the Heart*”, porque eu acho que Morrison vê a maternagem como algo altamente político; não simplesmente como a vocação intuitiva natural das mulheres, tal qual concebida na maternidade normativa.

**M.C.M.:** Quando pensamos sobre literatura e o desenvolvimento de suas discussões sobre maternagem, isso ainda é relevante para sua pesquisa atual?

**O'Reilly:** Com certeza. Embora eu tenha um doutorado em Literatura Inglesa, nos últimos vinte anos me afastei da área e fiz mais pesquisas qualitativas e teóricas. Agora voltei à minha paixão por literatura e atualmente estou escrevendo artigos que se tornarão uma monografia sobre a maternidade na ficção e no gênero memorialístico feminino pós-2010. É espantoso o quanto foi publicado sobre o tema maternagem na ficção feminina nos últimos cinco a dez anos. Quando me tornei mãe, havia poucos romances sobre maternagem. Quase todos os outros livros que estão sendo lançados agora nos gêneros de ficção especulativa, thrillers psicológicos, ficção policial e gênero memorialístico têm a maternagem como ponto central em seus enredos e temas. Minha pesquisa atual é analisar a presença da maternagem na ficção feminina pós-2010 a fim de explorar como as mães-autoras da contemporaneidade estão usando a literatura para criticar a maternidade normativa.

**E.S.M:** Sua pesquisa atual incluiu mais autoras negras ou brancas? Você sente que existe um equilíbrio entre elas?

**O'Reilly:** Há um pouco dos dois grupos e espero fazer mais. Tenho um artigo no presente dossiê da Revista *Ártemis* que explora a branquitude não examinada do gênero *motherhood memoir*<sup>1</sup> de modo a compreender como a maternidade normativa é representada e como ela pode ser combatida no referido gênero. O artigo, então, considera como o livro *Motherhood So White: A Memoir of Race, Gender and Parenting in America* (2019) de Nefertiti Austin, a partir de seu ponto de vista materno negro e de suas temáticas centradas no trabalho materno, *othermothering*, e na maternagem como ativismo social subverte as presunções, as prioridades e as práticas de outros livros do mesmo gênero memorialista sobre a maternidade normativa a fim de redefinir e reformar radicalmente o gênero e entregar uma narrativa materna negra de empoderamento e resistência. Em um artigo recém-concluído, considero como a romancista asiático-americana Celeste Ng revela os efeitos intergeracionais da maternidade normativa; como as experiências das mães na e com a maternidade normativa são transmitidas e transferidas para a filha e dão origem ao desempoderamento da filha e ao afastamento entre mãe e filha. Também pretendo fazer um capítulo ou dois especificamente sobre a literatura de mulheres negras após 2010. Li mais livros este ano, no meu ano sabático durante a pandemia, do que jamais li antes.

**M.C.M:** Em 2006 você cunhou o termo estudos maternos, e cito, “para reconhecer e demarcar este novo campo de estudos e de conhecimentos sobre a maternidade como uma disciplina legítima e distinta, baseada na teoria materna desenvolvida por Rich, Ruddick, Collins, entre outras”. Em 2021, após o lançamento da segunda edição de *Matricentric Feminism: Theory, Activism, and Practice*, você está lançando a segunda edição de *Maternal Theory: Essential Readings*, com sessenta capítulos escritos por autoras e autores de grande relevância na área. Gostaríamos de relembrar os últimos quinze anos: para você, o que tem evoluído em relação aos estudos maternos na academia?

**O'Reilly:** Quando eu fiz a primeira edição de *Maternal Theory: Essential Readings*, em 2007, o fiz para a minha disciplina de Maternagem e Maternidade que eu ensinava na Universidade de York em Toronto, no Canadá desde 1990. É uma disciplina lecionada no segundo ano no formato de aulas expositivas para turmas de cem a cento e cinquenta estudantes. Eu não tinha um material de apoio naquela época, então usei esses kits prontos. Eu pensei: “Basta. Vou criar um livro para a minha disciplina!” Então saiu a primeira edição que incluía as leituras teóricas obrigatórias

---

<sup>1</sup> A entrevistada mencionou o termo ‘motherhood memoir’, entendido aqui como escrita de cunho autobiográfico por autoras que narram suas próprias experiências maternas e os seus efeitos em suas vidas. Traduzimos o termo a partir desse trecho como ‘escrita do gênero memorialista sobre a/ que aborda a maternidade’.

sobre maternidade e maternagem. Também pedi a colaboração de algumas pessoas. Por exemplo, Kim Anderson escreveu um capítulo sobre maternidade indígena. Ariel Gore fez outro capítulo sobre mães jovens. No entanto, três ou quatro anos atrás, comecei a sentir que a primeira edição estava defasada, porque muito mais foi dito sobre a maternidade desde 2007. Na 2ª edição, temos novos temas atraentes que não foram totalmente explorados em 2007: capítulos sobre parentalidade não-binária, parentalidade trans, maternagem *queer*, a linhagem materna, autobiografias sobre maternidade e as experiências maternas com as mídias digitais. Também temos um capítulo sobre mães com deficiências, que parece muito diferente em 2021 se comparado ao de 2007. Portanto, alguns dos tópicos são absolutamente novos, outros são tópicos familiares, mas com atualizações realmente relevantes.

**E.S.M:** O que aconteceu com os estudos maternos nos últimos trinta e cinco anos? Que temas você acha que terão que ser incorporados no futuro?

**O'Reilly:** Já se passaram quarenta e cinco anos desde que o clássico "*Of Woman Born*" de Rich foi publicado, e muita coisa aconteceu em quatro décadas. Eu acredito que daqui a dez anos vamos precisar de uma terceira edição, porque sempre haverá outras novas teorias e problemáticas. Por exemplo, na 2ª edição, temos um capítulo sobre a maternagem pandêmica como conceito teórico. A primeira edição foi usada em inúmeros cursos e espero não ter removido os capítulos que as pessoas queriam na segunda. Estou muito feliz com os resultados, os capítulos que chegam são impressionantes, de tirar o fôlego. É realmente incrível que tudo isso tenha acontecido em um período de tempo tão curto.

**M.C.M:** Quanto aos tópicos mais recentes no campo dos estudos maternos, o que podemos esperar desta nova publicação?

**O'Reilly:** Eu acho que a maternagem pandêmica não é apenas um tema, mas é um conceito teórico, pois tem mostrado como o trabalho de cuidado está relacionado ao gênero. Para a 2ª edição de *Maternal Theory*, Fiona Green e eu revisamos nossa introdução para o nosso livro *Mothers, Mothering and Covid-19: Dispatches from a Pandemic*. Na 2ª edição, também temos dois capítulos sobre literatura, um sobre o *motherhood memoir* e um capítulo ótimo sobre narratologia materna, tomando a noção de enredo materno de Hirsch, mas trazendo-a para um novo lugar em 2021. Outros capítulos exploram conceitos teóricos recentes tais como Paternagem Feminista, Feminismo Matricêntrico, Arrependimento Materno, Ambivalência Materna, Justiça Reprodutiva e a Maternidade Migrante. Embora as colaboradoras e os colaboradores sejam em sua maioria norte-americanos(as), há também australianos(as) e vários(as) da Europa e do Reino Unido. Porém, a teoria materna ainda precisa se tornar mais global.

**M.C.M:** Essa ideia de incorporar questões globais nos leva à nossa próxima pergunta: como podemos avançar nessa jornada de estudos maternos?

**O'Reilly:** Eu participei de uma mesa redonda há dez anos, na conferência anual da *National Women's Studies Association*, e o tema era como tornar os estudos maternos globais. Estamos fazendo incursões lentas no assunto, mas ainda é um grande desafio. Acho que, em termos de questões indígenas, certamente a *Demeter Press* publicou bastante acerca do tema, assim como sobre questões maternas negras e chicanas. No entanto, nossas publicações ainda precisam se tornar mais globais. Os Estudos sobre as Mulheres seguiram a mesma trajetória, ou seja, levaram algumas décadas para se tornarem globais. Embora tenham iniciado no final dos anos 1960, foi mesmo após os anos 1990 que se pode afirmar que os Estudos sobre as Mulheres conquistaram uma perspectiva mais global. Portanto, espero que com o tempo e o trabalho os estudos maternos e as teorias maternas cresçam e se tornem uma área acadêmica mais global.

**E.S.M:** Sempre que pensamos na América Latina, ainda há muito a ser pesquisado [sobre a maternidade]. Quais seriam exatamente suas sugestões para as pesquisadoras e os pesquisadores desenvolverem ainda mais essa área aqui no Brasil e na América Latina?

**O'Reilly:** Essa não é uma pergunta fácil de responder, porque ouvi dizer que mesmo no contexto norte-americano os estudos maternos estão se tornando ainda mais vulneráveis e ainda mais marginalizados do que há dez anos. Acho que as coisas estão piorando no âmbito dos estudos maternos. Está cada vez mais difícil, pois com o surgimento dos estudos de gênero, e com o surgimento de mais estudos trans e não binários, a maternidade está cada vez mais sendo vista como essencialista e reacionária. Cada vez que escrevo ou digo “a maternidade é a coisa mais radical que já me aconteceu”, isso não é visto dessa forma. Então, eu acho que as coisas estão difíceis agora, especialmente por causa da pandemia; com cortes de verbas e fechamentos de departamentos.

**M.C.M:** Considerando as dificuldades globais que temos enfrentado no campo dos Estudos Maternos, você diria que o campo tende a crescer ou não?

**O'Reilly:** Como criar um novo campo ou cultivar um campo em uma zona de desastre? Tenho muitas alunas de pós-graduação muito apreensivas. Elas estudam a maternidade, mas sabem que no mercado de trabalho não podem se identificar como pesquisadoras dos estudos maternos. Não há empregos para elas nos estudos maternos, pois ainda não existe uma disciplina nem uma linha de pesquisa formalizadas.

**E.S.M:** Então, de certa forma, é preciso coragem para se embarcar nessa jornada. As pesquisadoras precisam conectar a temática da maternidade a outras áreas da maneira certa, para que não pareçam estar fazendo estudos maternos no vácuo. Você concorda?

**O'Reilly:** Sim, exatamente. Portanto, o que os acadêmicos costumam fazer é disfarçar ou marginalizar o foco da maternidade em suas pesquisas; se estão fazendo pesquisas sobre mães refugiadas, dizem que são pesquisadoras de Estudos sobre Refugiados, a fim de conseguir um emprego.

**M.C.M.:** Ainda temos mais mães do que não mães e mais mulheres do que homens no campo dos estudos maternos?

**O'Reilly:** É necessário ser mãe para se dedicar aos estudos maternos? Em primeiro lugar, a resposta é obviamente não. Alguns(mas) grandes pesquisadore(as) da maternidade não são mães. Contudo, em minha experiência, a maioria das pessoas que pesquisam sobre estudos maternos são mães ou se identificam como mães. Embora eu ache que em certos campos, como comunicação e estudos de mídia social, isso está mudando e se está vendo mais homens e mais não mães pesquisando sobre a maternidade. Minha experiência, porém, é que muitas pessoas são atraídas pelo tema da maternidade, porque são mães. Mesmo que pareça essencialista, acho que a maior parte do que fazemos ou somos atraídas é por causa do que acontece em nossa vida. Então, as pessoas podem estudar classe, porque cresceram na classe trabalhadora ou podem estudar deficiência, porque elas ou alguém que conhecem é deficiente. Frequentemente, somos atraídas para nossas áreas de pesquisa por causa de algo em nós. Mas, quando esse é o caso com as mães, somos rejeitadas como essencialistas. Acho que uma boa pesquisa é impulsionada por paixão e compromisso. As mães pesquisadoras costumam ser motivadas por um interesse vivenciado. É uma questão de sobrevivência, não é apenas acadêmica.

**M.C.M.:** É importante encontrar um campo e um tópico impactante que tenha implicações sociais.

**O'Reilly:** Com certeza. Com a *Demeter Press* e *MIRCI (Motherhood Initiative for Research and Community Involvement)* e sua revista, temos um compromisso absoluto com a temática. Em nossas conferências, tivemos muitos ativistas, organizadores comunitários, artistas, estudantes e mães. Queríamos que as pessoas se reconhecessem como iguais e trouxessem seus próprios conhecimentos. Nosso lema era acessibilidade e transparência. Dito isso, alguns livros da *Demeter* são densos e bastante teóricos, e talvez não sejam aqueles que ativistas não-acadêmicos vão pegar para ler. Mas em nossa revista, temos um lema de acessibilidade. Eu rejeitei bons artigos que eram muito densos, muito especializados, muito pesados e cheios de

jargões. Eu disse “se você puder simplificar isso um pouco, adoráramos publicá-lo”. Sempre me pergunto por que tanta teoria é deliberadamente obtusa: de que adianta escrever se seu objetivo é confundir as pessoas? Você pode ser realmente inteligente e inovador e ainda falar em uma linguagem acessível. Mas existe a crença de que quanto mais difícil você é de ser entendida, mais brilhante você é. Nós desafiamos isso na *Demeter*, na *JMI* e em nossas conferências. Queremos colocar a pesquisa sobre a maternidade nas mãos e nas mentes das pessoas comuns e parar de falar umas com as outras em nossa torre de marfim.

**E.S.M.:** Como foi a experiência do seu projeto acadêmico a respeito da relação entre a maternidade e a pandemia da COVID-19?

**O'Reilly:** A história que motivou esse projeto, seu pano de fundo, ocorreu nos primeiros meses da pandemia. Eu estava assistindo ao noticiário, como todos, e notei que poucas pessoas estavam falando sobre as mães e como elas estavam fazendo para manter as famílias funcionando. Todos estavam agradecendo aos médicos, enfermeiras, trabalhadores da coleta de lixo, motoristas de ônibus e caminhões. Isso, obviamente, é perfeitamente aceitável. Essas pessoas estavam cuidando de nós, levando comida para nossas mesas, certificando-se de que estávamos seguros e bem cuidados. Mas ninguém agradecia às mães, o que me surpreendeu e irritou profundamente. Meu *feed* do *Facebook* estava cheio de histórias de mães com inúmeros problemas, fazendo o impossível para manter as famílias funcionando enquanto faziam seu trabalho, que agora acontecia em casa, estudando em casa, aprendendo à distância e, ainda assim, havia um silêncio ensurdecedor sobre tudo isso na mídia. Então, em abril de 2020, criei a *hashtag* *#mothersarefrontlineworkers* e o grupo “*Mothers and Covid 19*” no *Facebook*. Decidi, então, fazer um livro sobre mães e a Covid-19; contatei Fiona Green e ela concordou em editar o livro comigo. Enviamos uma chamada para artigos e recebemos mais resumos para este livro do que jamais recebemos para uma coleção de *Demeter*. E muitas outras mães nos contataram e disseram: “Eu adoraria enviar um resumo, mas o tema do livro (maternagem) não me permite”. Nós também criamos uma edição especial dupla do *JMI* (*Journal of the Motherhood Initiative*) sobre maternidade acadêmica e COVID-19, que foi publicada em dezembro de 2020 e está disponível online, com acesso aberto a qualquer pessoa no mundo. E publicamos o livro *Mothers, Mothering and Covid-19: Dispatches from a Pandemic* em março de 2021, com 540 páginas, 45 capítulos e 70 colaboradores(ras) de diferentes países. Recebemos tantas submissões boas e, embora tivéssemos publicado este livro enorme e uma edição dupla do periódico *JMI*, ainda tivemos que rejeitar muitos textos bons.

Em toda a pandemia, costumamos dizer que, embora possamos estar na mesma tempestade, não estamos no mesmo barco. A pandemia afetou mais negativamente as mulheres, particularmente as mães. As mulheres são as principais responsáveis



pelos cuidados necessários aos idosos, e muitas mulheres perderam seus empregos, porque a maioria dos empregos perdidos durante a pandemia foram em ocupações tradicionalmente femininas - serviços, turismo e vendas. Economistas, não feministas, estão chamando esta recessão atual de “recessão feminina”, pois afetou mais as mulheres do que aos homens. As perdas de empregos são impressionantes. Parte do motivo para isso é que os empregos foram tirados das mulheres. Outra razão é que as mulheres têm sido empurradas para fora do mundo do trabalho, porque não podem fazer quatro tarefas ao mesmo tempo. Elas não conseguem fazer o trabalho remunerado em casa, o trabalho doméstico, o trabalho emocional de cuidar das famílias e o *home-schooling* das crianças. É impossível para qualquer pessoa fazer quatro tarefas ao mesmo tempo, não importa o quão organizado(a) você seja ou quanto dinheiro você ganhe. E os recursos e redes de apoio que antes apoiavam as mães acabaram. Creches estão fechando no Canadá. Elas estão indo à falência e fechando as portas permanentemente, porque não há crianças nelas. Portanto, esta é uma crise. Quando essas mulheres finalmente retornarem ao trabalho, poderá não haver creches. Não é um equívoco quando digo que as mães foram as mais afetadas pela pandemia. As estatísticas estão aí. E não são apenas feministas, são economistas dizendo isso. As mulheres estão trabalhando mais em casa, à custa de sua saúde mental, lazer e carreira. Elas estão recuando, reduzindo a jornada de trabalho para três dias úteis se o patrão permitir; caso contrário, elas desistem. Na academia as mulheres estão submetendo menos artigos, recebendo menos recursos para seus projetos de pesquisa. Com base no pequeno levantamento que fiz em junho de 2020, que consistia simplesmente em pedir às mães para enviarem suas opiniões por e-mail, várias mães acadêmicas diziam em suas respostas: “Minha bolsa não foi aprovada”, ou “eu não vou terminar minha monografia e, portanto, não vou conseguir um cargo efetivo”. Muitas alunas de pós-graduação estão tirando licenças, outras estão muito atrasadas. A pandemia está afetando enormemente a produtividade das mulheres acadêmicas, e o prejuízo será sentido por muitos anos. Tem sido muito terrível e sombrio para as mães na academia e acho que só vai piorar por causa da pandemia.

**M.C.M.:** Como você avalia as universidades em relação ao atendimento das necessidades maternas? Você diria que houve progresso nos trinta e um anos em que lecionou na Universidade de York? Você acha que ocorreram mudanças relevantes dentro ou fora das universidades canadenses para atender às necessidades maternas?

**O'Reilly:** Acho que é variável e depende da universidade. No Canadá, além de nossa licença-maternidade nacional, as universidades têm suas próprias políticas e procedimentos. Algumas universidades têm boas políticas, outras não. O Canadá tem licença-maternidade de 12 meses, que pode ser estendida para 18 meses, mas nesse caso você recebe cerca de 50% do seu salário. A questão é se as mulheres usam todos a sua licença, e muitas vezes eles não usufruem desse direito, pois uma licença estendida poderia ser suicídio profissional. Como consequência, muitas mães voltam

a trabalhar antes do que é legalmente permitido. Na York [University], temos que parar o relógio da estabilidade. Estudantes de pós-graduação agora também têm o direito à licença-maternidade. Quando tive meus filhos no final dos anos 1980, não havia licença-maternidade. Na verdade, foi o meu caso que deu origem à licença-maternidade na York. O que eu experimentei como uma mãe na pós-graduação foi tão horrível e tão descaradamente discriminatório, que um comitê foi criado e uma petição sobre a licença maternidade para pós-graduandas foi encaminhada ao Senado. Em 1990, eles finalmente implementaram a licença-maternidade para estudantes de pós-graduação. Mas, até o final da década de 1980, não havia licença-maternidade para estudantes de pós-graduação na York, nenhum prazo extra concedido. Agora, as alunas de pós-graduação têm um ano adicional, e eu acredito que as TAs (Assistentes de Ensino) têm quatro ou cinco meses a mais. Então, as coisas definitivamente melhoraram em termos de políticas, mas ainda estou vendo muitas mães alunas de pós-graduação que estão com problemas, não tendo terminado suas dissertações, porque seus filhos ficam doentes ou simplesmente, porque há muito o que fazer como mãe e estudante. Existem algumas coisas que as políticas não podem abordar, certo?

**E.S.M.:** Eu gostaria de saber se você acha que ainda há valores patriarcais e neoliberais prevalentes dentro da academia que impedem uma perspectiva mais inclusiva e decolonial nos estudos da maternidade.

**O'Reilly:** Enfaticamente sim. E eu diria que está piorando. Quanto mais penso nisso, mais acho que é realmente desanimador. Temos um capítulo em *Maternal Theory* sobre maternidade e neoliberalismo. Algumas feministas abraçaram o paradigma neoliberal e o feminismo de escolha, acreditando que você pode fazer tudo se puder falar e andar como um homem e ser aquele sujeito resiliente, confiável e autossuficiente. E sabe de uma coisa? Isso pode ser verdade para algumas mulheres. Mas e quanto ao resto de nós que não pode ser essa pessoa? Seja por causa da saúde, etnia ou porque se é mãe. É claro que há resistência, muitos acadêmicos e acadêmicas de esquerda e ativistas feministas estão desafiando o feminismo de escolha, mas seu apoio neoliberal está muito vivo. É um patriarcado com um novo rosto, mais difícil de reconhecer, porque é bonito e amigável. É como “ah, bem, você pode fazer o que quiser se trabalhar duro”. No final das contas, é simplesmente uma nova forma de controle, mais perigosa, mais traiçoeira. Virginia Woolf uma vez falou sobre não ter permissão física para entrar em uma biblioteca. Se isso acontecer, você pode identificar seus inimigos, pode ver qual é o problema, pode iniciar uma petição e protestar. Hoje, tais inimigos podem não estar bloqueando sua entrada na biblioteca, mas está na sua cabeça que você não merece estar naquela biblioteca. Ou você não pode entrar na biblioteca porque não há rampas de acesso. Você entende o que estou dizendo? Como o inimigo é mais insidioso, invisível e internalizado, acho que agora é mais difícil derrubá-lo. Nós não podemos vê-lo. Algumas pessoas estão apenas dizendo às mães, “Relaxa, pois vivemos em um mundo igualitário. É apenas um problema seu que

“você não consegue administrar, certo?” Antes, pelo menos sabíamos que as mulheres não tinham permissão para fazer certas coisas, porque as leis as impediam de fazê-las. Mas agora, se as mulheres estão falhando, se não podem ser aquela super mãe, a culpa é delas. Temos um ótimo capítulo na 2ª edição de *Maternal Theory* sobre a ‘mãe malabarista’, que é um novo conceito teórico fascinante: a mãe malabarista que é tão neoliberal e perfeita, porque ela consegue administrar tudo. E agora está tudo na mídia, essas imagens de mães que podem estar bastante esgotadas, mas ainda estão firmes e fortes. Portanto, acho que temos uma batalha mais difícil pela frente. Enquanto o antigo patriarcado era certamente difícil, era mais fácil reconhecê-lo e lutar contra ele.

**E.S.M.:** Então, estamos definitivamente travando uma guerra contra um inimigo invisível, sem rosto?

**O’Reilly:** Muitas vezes não existe um rosto, porque internalizamos todas as mensagens para que as mães se culpem por seus fracassos ou por sua incapacidade de serem quem o patriarcado diz que elas podem ser, se elas assim quiserem. Mas, dito isso, acho que agora também há mais resistência e as mães estão se mobilizando. Os motivos delas são fundamentais para o atual movimento *Black Lives Matter* com seu ativismo local pelas crianças negras que foram assassinadas pela polícia. O ativismo materno vai e vem, mas nunca irá embora permanentemente. As mães sempre foram uma parte central da mudança social e continuarão a ser.

**E.S.M.:** Isso mesmo. O provérbio africano diz que “é preciso uma aldeia para criar um filho”. Em sua opinião, como a comunidade de estudiosas da maternidade tem sido construída e mantida?

**O’Reilly:** Para mim, é minha comunidade e eu não poderia ter feito o trabalho que faço sem ela. Precisamos muito desse suporte para ter validação e reconhecimento. Eu realmente acho que nossa comunidade atual de acadêmicas, criada por meio de nossa pesquisa e ativismo compartilhados, é uma comunidade vibrante e de apoio. Nós nos conhecemos, lemos os trabalhos umas das outras, nos encontramos em conferências. As pessoas trocam e-mails e dizem: “Estou fazendo este trabalho, você poderia me ajudar?” É muito especial e único o que criamos. Eu não estou dizendo que tudo é fácil, que não houve ou há discordâncias, mas de um modo geral, sabemos respeitar umas às outras, lemos e referenciamos o trabalho umas das outras. Nós construímos o trabalho umas das outras e impulsionamos as coisas adiante. Sei que não poderia fazer o trabalho que faço sem essa comunidade, não apenas em relação às leituras, mas também a esse apoio. Nos primeiros anos, quando eu pensava: “O que estou fazendo?” foram as pessoas dizendo “o que você está fazendo é importante” e “nós temos que continuar a fazer isso” que me ajudaram a continuar. Acho que, principalmente para professoras ou professores iniciantes e estudantes de pós-

graduação, é muito importante ter essa comunidade, porque ela dá legitimidade e visibilidade ao nosso trabalho.

Lembro-me que nos primeiros anos recebia pedidos de estudantes recém-formados: “Você poderia escrever uma carta para o/a meu/minha orientador(a), meu/minha Reitor(a), dizendo que os estudos maternos são uma área de estudos?” Enviei cartas, talvez meia dúzia a uma dúzia de vezes, que provavam ao supervisor ou comitê que os estudos sobre maternidade existiam. Não estou mais recebendo essas cartas. Eu acho que um(a) estudante poderia ir ao seu departamento e dizer “Eu quero estudar maternagem na ficção científica, ou quero estudar maternagem na publicidade”. Ninguém vai dizer “mas há literatura sobre isso? Existe uma área de estudos para isso? Existem conferências sobre o assunto?”, porque sabemos que existem. Isso aconteceu em menos de vinte anos.

**M.C.M.:** Espero que você tenha ideia das grandes conquistas que alcançou e do impacto de seu trabalho acadêmico.

**O’Reilly:** Não fui só eu. Eu joguei a ideia no universo e muitas pessoas a pegaram e carregaram consigo. Fico surpresa com o quanto esse tema significa para tantas pessoas que estão dispostas a se dedicar ao trabalho, assumir riscos e ser tão apaixonadas por ele. Estou muito entusiasmada com o fato de que a pesquisa sobre maternidade está agora por toda parte. Com essa pandemia, até mesmo economistas conservadores estão usando nossas palavras e pesquisas. De repente, eles estão percebendo “Oh, alguém precisa fazer todo o trabalho que supomos que foi feito”. Eu acho que esta é uma grande oportunidade para aproveitarmos e fazer acontecer. Para fazer isso, acredito, devemos ter um feminismo para as mães, o qual denominei feminismo matricêntrico. Um feminismo que faz da maternidade o foco de seu ativismo, posicionando as necessidades e preocupações das mães como o ponto de partida para uma teoria e política sobre e para o empoderamento das mulheres.

**E.S.M.:** Muito obrigada por esta entrevista.